

# Análise Econômica

ORIGENS E CONSEQUÊNCIAS DO FUNDING LOAN DE 1898  
**TAMÁS SZMRECSÁNYI**

REFLEXÕES SOBRE O FINANCIAMENTO NA ECONOMIA  
BRASILEIRA  
**FERNANDO NOGUEIRA DA COSTA E SIMONE SILVA DE DEOS**

ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E COMPETITIVIDADE DA  
INDÚSTRIA DE CALÇADOS BRASILEIRA  
**ACHYLES BARCELOS DA COSTA**

GERAÇÃO, ADOÇÃO E DIFUSÃO DE TÉCNICAS DE PRODUÇÃO -  
UM MODELO BASEADO EM MARX  
**ELEUTÉRIO F. S. PRADO**

A CREDIBILIDADE DA POLÍTICA ECONÔMICA: UMA REVISÃO  
CRÍTICA DA TEORIA  
**CÉSAR A. O. TEJADA E MARCELO S. PORTUGAL**

TENDÊNCIAS RECENTES NA INDÚSTRIA DE DEFENSIVOS AGRI-  
COLAS NO BRASIL  
**ORLANDO MARTINELLI JR. E PAULO D. WAQUIL**

CADEIAS PRODUTIVAS E OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTO  
NO NORDESTE BRASILEIRO  
**VÍCTOR PROCHNIK E LIA HAGUENAUER**

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE MARXISTA DO SISTEMA  
MONETÁRIO INTERNACIONAL  
**CLAUS M. GERMER**

ALONGAMENTO DA DÍVIDA PÚBLICA FEDERAL INTERNA: O QUE  
FOI FEITO E O QUE SE PODE ESPERAR  
**ROGÉRIO SOBREIRA**

ANO **20**  
Nº **38**

SETEMBRO, 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Profª. Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Pedro César Dutra Fonseca

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Gentil Corazza

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS

Chefe: João Marcos Leão da Rocha

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Eduardo Pontual Ribeiro

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

Coordenador: Prof. Jalcione Almeida

CONSELHO EDITORIAL: Carlos G. A. Mielitz Netto (UFRGS), Eduardo A. Maldonado Filho (UFRGS), Eduardo P. Ribeiro (UFRGS), Eleutério F. S. Prado (USP), Eugênio Lagemann (UFRGS), Fernando Cardim de Carvalho (UFRJ), Fernando Ferrari Filho (UFRGS), Fernando de Holanda Barbosa (FGV/RJ), Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), Gentil Corazza (UFRGS), Giacomo Balbinotto Neto (UFRGS), Gustavo Franco (PUC/RJ), Jan A. Kregel (John Hopkins University e UNCTAD), João Rogério Sanson (UFSC), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Jorge Paulo Araújo (UFRGS), Juan H. Moldau (USP), Marcelo S. Portugal (UFRGS), Maria Alice Lahorgue (UFRGS), Paul Davidson (University of Tennessee), Paulo Dabdab Waquil (UFRGS), Pedro César Dutra Fonseca (UFRGS), Philip Arestis (South Bank University), Roberto C. Moraes (UFRGS), Ronald Otto Hillbrecht (UFRGS), Sabino da Silva Porto Jr. (UFRGS), Stefano Florissi (UFRGS), Werner Baer (Univ. of Illinois at Urbana-Champaign).

COMISSÃO EDITORIAL: Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Marcelo Savino Portugal, Paulo Dabdab Waquil, Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Fernando Ferrari Filho

EDITOR ADJUNTO: Gentil Corazza

SECRETÁRIA: Luciana Leão Brasil

REVISÃO DE TEXTOS: Vanete Ricacheski

EDITORAÇÃO: Vanessa Hoffmann de Quadros

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. FERNANDO FERRARI FILHO

Revista *Análise Econômica* – Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL

Telefones: (051) 316-3348 e 316-3440 – Fax: (051) 316-3990

E-mail: rae@vortex.ufrgs.br

*Análise Econômica*

Ano 18, nº 33, março, 2000 - Porto Alegre

Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2000

Periodicidade semestral, março e setembro.

1. Teoria Econômica - Desenvolvimento Regional -

Economia Agrícola - Pesquisa Teórica e Aplicada -

Periódicos. I. Brasil.

Faculdade de Ciências Econômicas,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDD 330.05

CDU 33 (81) (05)

# Fundamentos teóricos da análise marxista do sistema monetário internacional\*

*Claus M. Germer\*\**

**Resumo:** O presente artigo focaliza a caracterização, feita por Marx, da esfera internacional da circulação monetária ou sistema monetário internacional. Esta pesquisa é um subproduto de uma discussão sobre o caráter de mercadoria, atribuído por Marx ao dinheiro e contestado por diversos autores marxistas. O objetivo do artigo é deduzir, das indicações dispersas de Marx sobre o tema, uma estrutura conceitual consistente para a análise pretendida. Todavia, o artigo aborda apenas uma parte da estrutura conceitual básica, a relativa aos conceitos da teoria do dinheiro, omitindo a teoria do capital monetário na esfera internacional, remetida a análise posterior.

**Palavras-chave:** sistema monetário internacional, economia internacional, esfera internacional da circulação.

## **Abstract**

This paper addresses Marx's assessment of the sphere of the international monetary circulation or the international monetary system. The paper is a byproduct of a debate about the commodity nature assigned by Marx to money and objected by several Marxist authors. The aim of the article is to derive, from Marx's indications about the subject, a conceptual framework consistent with the intended analysis. However, the paper comprises only a part of the basic conceptual framework, the one related to the theory of money, leaving the theory of money capital in the international sphere to a future analysis.

**Key Words:** international monetary system, international economics, the sphere of international circulation.

## 1 Introdução

O objetivo do presente artigo é desenvolver os fundamentos teóricos necessários à análise da esfera internacional da circulação, ou sistema monetário internacional, com base na caracterização desta esfera por Marx. O procedimento é deduzir, das indicações dispersas de Marx

\* Este artigo integra um projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq através de bolsa de pesquisa.

\*\* O autor é professor do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, da UFPR, Curitiba, PR.

sobre o tema, uma estrutura conceitual consistente para a análise pretendida. Dado o escasso conhecimento deste aspecto da teoria deste importante autor, a interpretação oferecida no texto será sustentada em citações literais por vezes extensas, o que é indispensável para fundamentar a interpretação apresentada. Como Marx não desenvolveu uma abordagem específica desta matéria, a tarefa não é fácil. Todavia, o artigo aborda apenas uma parte da estrutura conceitual básica, a relativa aos conceitos da teoria do dinheiro, omitindo a teoria do capital monetário na esfera internacional, remetida a análise posterior.

Na segunda seção expõe-se o conceito da circulação em geral, de Marx, e procura-se aplicá-la à esfera internacional, apontando as implicações da segmentação desta em esferas nacionais. A seção seguinte focaliza a crítica de Marx à teoria do dinheiro de Ricardo, destacando o aspecto metodológico desta crítica. Na quarta seção apresenta-se sucintamente a interação entre as esferas nacional e internacional na constituição histórica do dinheiro. Finalmente, na quinta seção procura-se caracterizar as concepções de Marx sobre as funções do dinheiro na esfera internacional, e na sexta, o desempenho da principal função do dinheiro nesta esfera, que é a de meio de pagamento. Por último, apresenta-se uma síntese dos principais resultados da análise exposta.

Cabe um esclarecimento sobre a bibliografia. A maioria das citações literais de obras de Marx foi retirada de edições alemãs, com tradução do próprio autor, confrontada com as edições disponíveis em português ou espanhol. Nas citações de *O Capital* omitiu-se o autor, e utilizou-se a abreviatura OC (ou DK, nas citações da obra em alemão), seguida do volume em romanos.

## 2 A esfera da circulação como categoria teórica

Para a correta apreensão da teoria do dinheiro de Marx, é necessário reconhecer o papel crucial da abstração na sua obra teórica. No caso do dinheiro, a abstração permite isolar o fenômeno preciso que lhe dá origem - a simples troca de mercadorias -, excluindo os elementos acessórios e mantendo apenas os essenciais: os produtores inseridos na estrutura de divisão social do trabalho, a propriedade privada individual e plena dos meios de produção e a independência dos produtores uns em relação aos outros. Dentre os elementos estranhos ao fenômeno, aquele cuja exclusão é geralmente mais difícil de ser entendida é a relação-capital, causa de inúmeros equívocos na interpreta-

ção da teoria do dinheiro de Marx<sup>1</sup>. No que se refere ao tema deste artigo, a distinção entre esferas de circulação nacionais, ou entre as esferas nacionais e a internacional, é outro elemento cuja exclusão Marx apontou como indispensável, como se mostrará. Mas as distinções dinheiro/capital e nacional/internacional não são da mesma natureza, pois o dinheiro e o capital representam relações econômicas qualitativamente diferentes, ao passo que a distinção nacional/internacional constitui apenas uma particularização, ou maior concretização, do conceito da esfera da circulação.

Como categoria teórica, o conceito da circulação é uma representação abstrata que resulta da redução dos fenômenos da circulação aos seus termos mais simples, abstratos ou gerais, tal como Marx fez em relação ao conceito do próprio capital. Na sua existência concreta, porém, a esfera da circulação capitalista é constituída por certo número de esferas nacionais, cuja interconexão forma a esfera mundial, sob a forma específica de uma estrutura inter-nacional<sup>2</sup>. A decomposição em esferas nacionais consiste então em uma mera concretização da categoria abstrata. Eis como Marx definiu a circulação como categoria abstrata:

É preciso em primeiro lugar estabelecer o *conceito geral da circulação* [...] A circulação é a determinação dos preços, o movimento no qual as mercadorias são convertidas em preços: seu realizar-se como preços. [...] Uma determinação essencial da circulação é que ela circula valores de troca, mais precisamente valores de troca determinados como preços. Por conseguinte, um tipo qualquer da troca de mercadorias, por exemplo barter, fornecimentos em espécie, obrigações feudais, etc., não constitui ainda a circulação. Para a circulação são necessárias, antes de tudo, duas coisas: primeiro: o pressuposto das mercadorias como preços; segundo: não atos isolados de troca, mas um circuito de trocas, uma totalidade delas, em fluxo constante, e que ocorrem em maior ou menor medida em toda a superfície da sociedade; *um sistema de atos de troca* (Marx, 1977a, p. 120) (sem grifos no original).

<sup>1</sup> A exclusão analítica do capital, para permitir a análise isolada do fenômeno dinheiro, é confundida com o problema da precedência histórica do dinheiro em relação ao capitalismo, dando origem a uma discussão em certa medida inócua, pois não se distingue o aspecto lógico do aspecto histórico da análise.

<sup>2</sup> "The capitalist world market comprises units of capital that compete internationally in several commodity and financial markets, but within a system of national states" (Itoh & Lapavistas, p. 160).

Aplicada à esfera internacional, a definição acima implica que esta consiste, primeiro, na formação dos preços internacionais das mercadorias; segundo, na circulação dos valores de troca como preços internacionais; terceiro, a constituição da esfera internacional de circulação requer não atos isolados de trocas, mas um fluxo contínuo ou um 'sistema internacional de atos de troca'. Estes elementos permitem identificar os requisitos necessários à constituição de uma esfera internacional de trocas.

A consideração da dimensão mundial da economia capitalista tem duas implicações analíticas relevantes. Primeiro, na medida em que Marx concebe o capitalismo como um sistema mundial desde a origem, a esfera mundial deve ser entendida como a que melhor corresponde, no plano empírico, ao conceito abstrato da esfera da circulação como palco indiferenciado da circulação das mercadorias e do dinheiro. A subdivisão da economia mundial em unidades nacionais diferenciadas indica uma diferença entre os termos *mundial* e *internacional*. O caráter mundial da economia sugere uma esfera mundial homogênea de circulação, no sentido teórico acima, ao passo que a sua segmentação nacional implica uma mera particularização dos fluxos de circulação das mercadorias e do dinheiro entre esferas nacionais. Assim sendo, a esfera internacional será aqui entendida como o campo teórico dos fenômenos que expressam os fluxos de circulação das mercadorias e do dinheiro quando interceptados pelas fronteiras nacionais.

Do ponto de vista do dinheiro, a constituição da esfera internacional da circulação é relevante em pelo menos um aspecto fundamental: no desenvolvimento da economia mercantil, o equivalente de valor só se torna realmente *geral* quando esta função se unifica em uma só mercadoria em todo o espaço mercantil, o que significa que os conceitos de dinheiro e suas funções tornam-se válidos em toda a esfera mundial da circulação. Todavia, a conclusão deste processo apenas integra mundialmente o campo de ação do dinheiro, sem introduzir neste qualquer elemento novo. As diferenças existentes entre as esferas nacional e internacional de circulação dizem respeito apenas aos meios e formas através dos quais o dinheiro desempenha as suas funções, sem alterar a natureza do dinheiro ou das suas funções. A constituição de um equivalente geral, que dissolve as particularidades dos diversos metais anteriormente utilizados como equivalentes nas subdivisões da esfera internacional, ao mesmo tempo que a segmentação nacional subsiste, constitui um passo na tendência teórica de desenvolvimento

de uma esfera de circulação mundial indiferenciada<sup>3</sup>. Assim, a substituição da prata pelo ouro, no fim do século 19, constitui a realização histórica do resultado lógico da proposição de Marx sobre a transição da forma expandida para a forma geral do valor (OCI, p. 66)<sup>4</sup>.

Para maior precisão do conceito é conveniente, portanto, conceber a circulação entre países como uma série de atos D-M ou M-D, representando a circulação de mercadorias e dinheiro, respectivamente, interceptados pelas fronteiras nacionais<sup>5</sup>. A fim de representar de modo explícito este aspecto característico da circulação internacional, estes atos podem ser representados como D-(f)-M e M-(f)-D, sendo (f) um fator que simboliza o conjunto dos efeitos das fronteiras nacionais sobre os atos de circulação, que se interpõem entre seus pólos mas não os desvirtuam. Esta forma de representação das transações internacionais constitui a segunda das implicações mencionadas acima, isto é, a validade destas fórmulas como representação de processos reais baseia-se no pressuposto da constituição de uma esfera mundial de circulação dotada do dinheiro mundial (=ouro), sem o que as formas M e D não poderiam transferir-se como tais entre esferas nacionais de circulação, pois as formas M e D de uma esfera não teriam equivalência em outras. Ou seja, a validade destas formas em diferentes esferas nacionais implica uma esfera de circulação mundial que é homogênea, embora segmentada em esferas nacionais.

Deve-se notar que, tratando-se de economias capitalistas, os atos D-(f)-M e M-(f)-D representam o primeiro e o terceiro estágios dos ciclos dos capitais industriais, mas isto não altera sua natureza de fenômenos da circulação, em que o dinheiro e a mercadoria são simples elementos da circulação. Realizando circuitos parcialmente internacionais, estes capitais podem ter as seguintes configurações:

1) D-(f)-M...P...M'-D', quando há importação de meios de produção. Deve-se notar que o refluxo do capital, representado por D', ocor-

<sup>3</sup> O mercado internacional constitui uma esfera de circulação descontínua, porque segmentada em esferas nacionais. Mas não é um espaço heterogêneo, pois a conversão do dinheiro (=ouro) em dinheiro mundial, ao dissolver os equivalentes particulares de valor e se constituir em equivalente geral, também dissolve as particularidades de mercados locais e gera uma esfera mundial de circulação unificada, embora subdividida em esferas nacionais, que é o que caracteriza a descontinuidade mencionada.

<sup>4</sup> Este fenômeno constituiu a base do chamado "padrão ouro internacional", que implica um regime cambial de conversão recíproca de diferentes moedas nacionais com base na equiparação dos pesos do material monetário – o ouro – contidos nas moedas intercambiadas.

<sup>5</sup> A circulação internacional de capital de empréstimo pode ser representada como uma série de atos D-D, mas não será analisada neste artigo.



Todos os casos listados constituem atos de circulação simples ou capitalista das mercadorias e do dinheiro entre países. A essência destas transações não se altera devido à intersecção de fronteiras, que apenas condiciona as diversas transações.

O exposto até aqui procura seguir o procedimento de Marx, que analisou a circulação monetária internacional sobre a mesma base conceitual da circulação interna, isto é, a teoria geral da circulação, o que pressupõe que a esfera internacional da circulação não constitui palco de fenômenos qualitativamente diferentes daqueles que ocorrem no interior das esferas nacionais<sup>8</sup>. Portanto, a teoria geral da circulação constitui a base conceitual comum da análise dos fenômenos monetários em ambas as esferas. Isto não significa que a esfera internacional não possua especificidades e uma complexidade próprias - contidas na estrutura do fator (f), introduzido acima -, mas significa, por um lado, que as esferas nacionais e internacional de circulação são, conceitualmente, o local de um mesmo tipo de fenômeno, e, por outro lado, que as especificidades da esfera internacional decorrem apenas da introdução de elementos mais concretos do que aqueles necessários à análise da circulação de mercadorias e de dinheiro *stricto sensu*. Pressupondo circulação simples, tanto na esfera nacional quanto na internacional, a circulação é circulação de mercadorias mediada pelo dinheiro<sup>9</sup>, ao passo que, na circulação capitalista, a circulação de ambos representa momentos da circulação de capitais. Em ambas as esferas e situações, os conceitos do dinheiro e de suas funções são aqueles desenvolvidos por Marx, com base em uma análise abstrata, na *Contribuição* e no *O Capital*. Isto implica que, na elaboração da teoria do dinheiro e da teoria geral da circulação, deve-se abstrair a diferenciação da esfera geral da circulação em subdivisões particulares, pois são diferentes espécies de uma mesma família - a circulação de mercadorias e de dinheiro. A introdução da esfera internacional e sua diferenciação em esferas nacionais apenas afeta o modo de operação prática de ambos. No caso do dinheiro, afeta o modo pelo qual as diversas funções são realizadas e, em alguns casos, os instrumentos que as realizam, como se verá adiante.

<sup>8</sup> Este pressuposto é necessário à análise das transações internacionais como transações entre capitais. Transações entre economias capitalistas e não-capitalistas requereriam outro procedimento teórico.

<sup>9</sup> "No que se refere, porém, ao movimento dos metais nobres no mercado mundial [...] este é inteiramente determinado pelo intercâmbio internacional de mercadorias, da mesma maneira que o movimento do dinheiro como meio de compra e de pagamento na esfera nacional é determinado pelo intercâmbio interno de mercadorias" (OCIII/1, p. 240).



Sendo assim, o objeto da análise da esfera monetária internacional consiste, por um lado, na forma como as funções do dinheiro, expostas na análise abstrata deste, são realizadas nesta esfera e, por outro, nas eventuais mudanças na importância relativa destas funções.

### 3 Crítica metodológica a Ricardo

Marx criticou a teoria do dinheiro de Ricardo precisamente por não ter adotado o procedimento acima descrito, isto é, por não ter analisado o dinheiro inicialmente em termos abstratos, ou seja, isolando-o dos fatores a ele estranhos. Segundo Marx, Ricardo distorceu a sua análise ao introduzir nela, indevidamente, a esfera internacional como fator explicativo. As particularidades da esfera internacional da circulação não constituem o dinheiro mas são, ao contrário, por ele constituídas. Sendo a circulação internacional apenas uma maior concretização do ciclo M-D-M, que gera o dinheiro, ambos não podem ser tratados simultaneamente, como se pertencessem ao mesmo nível de abstração<sup>10</sup>. Ricardo elaborou, inicialmente, uma concepção do dinheiro coerente com a sua teoria do valor baseada no trabalho, mas distorceu-a ao introduzir abruptamente a dimensão internacional (Marx, 1980a, p. 230). Idêntica crítica metodológica é dirigida aos autores da *'banking school'*, como Tooke, Fullarton e Wilson, aos quais, no entanto, se associa na oposição a Ricardo. Segundo Marx,

De uma forma geral estes autores não focalizam o dinheiro, primeiro, no aspecto abstrato em que se desenvolve no interior da simples circulação e em que emerge da relação entre as próprias mercadorias em movimento. Como resultado disto eles oscilam sistematicamente, de um lado para outro, entre as determinações formais que o dinheiro recebe, em oposição às mercadorias, e as determinações do mesmo, nas quais ocultam-se relações mais concretas, como capital, rendimento e outros assemelhados (Ibidem, p. 244-5).

<sup>10</sup> Marx afirma, causticamente, que "Se Ricardo tivesse formulado esta teoria de modo abstrato, como nós o fizemos, sem introduzir circunstâncias mais concretas e pontos que se desviam da questão central, a sua vacuidade se revelaria de modo contundente. No entanto ele dá a todo o desenvolvimento uma conotação internacional. Mas é fácil demonstrar que a aparente grandeza da escala nada altera na pequenez das idéias básicas" (Marx, 1980a, p.233; 1974, p. 252).

A crítica de Marx é, portanto, metodológica, ao insuficiente uso da abstração, porque produz uma teoria inconsistente. Marx argumenta que Ricardo desvia-se para a dimensão internacional para viabilizar a inflexão na sua linha de análise, combinando-a com o enfoque oposto, representado pela teoria de Hume. A introdução da esfera internacional por Ricardo foi um artifício teórico necessário à exclusão indevida de “todas as outras determinações formais possuídas pelo dinheiro, excetuada a de meio de circulação” (Ibidem, p. 233). A mais evidente e artificial omissão, neste caso, foi a da forma-tesouro do dinheiro, ou sua função de meio de entesouramento. Somente graças a esta omissão, combinada à inclusão do comércio internacional, foi possível a Ricardo combinar a sua teoria do dinheiro dotado de valor intrínseco à pretensão da teoria quantitativa, de que o valor de troca do dinheiro desvia-se do seu valor real quando há um desajuste entre a sua quantidade e o valor total das mercadorias a circular em dado período de tempo<sup>11</sup>. Ricardo cometeu, portanto, dois equívocos opostos relacionados com o método da abstração: por um lado, incluiu na análise um elemento concreto indevido, que é a esfera internacional e, por outro lado, excluiu indevidamente funções essenciais do dinheiro, mantendo apenas uma, a de meio de circulação.

Marx assinala que Ricardo, no esforço de validar a sua versão da teoria quantitativa, deformou deliberadamente os fatos da circulação monetária, afirmando que os desequilíbrios da balança comercial não são causados por importações ou exportações excedentes, mas resultam de um fenômeno puramente monetário, que é a apreciação ou depreciação do dinheiro. Isto é, a balança comercial é deficitária não porque se importa mais do que se exporta, mas porque o dinheiro depreciou-se, por ter se tornado excedente internamente devido, por exemplo, a uma quebra de safra, elevando o nível interno de preços em relação ao mercado mundial e forçando, assim, a exportação do dinheiro até que a redução da sua quantidade ou ‘oferta’ interna eleve novamente o seu preço até o nível do seu valor (Marx, 1974, p. 254-5). Aqui a funcionalidade do comércio exterior combinada à omissão da função de meio de entesouramento apresenta-se com toda a clareza, pois sem o setor externo seria impossível manter esta última omissão, de origem quantitativa e, ao mesmo tempo, a teoria do valor intrínseco do dinheiro, de Ricardo.

Esta discussão metodológica é oportuna, pois parece impossível atualmente, ainda mais do que no tempo de Ricardo e Marx, analisar a circu-

<sup>11</sup>Ver Lapavistas (1994, p. 454). Para uma análise da crítica de Marx à teoria do dinheiro de Ricardo, ver também Lapavistas, 1996.

lação monetária do capitalismo sem levar em conta o seu aspecto internacional, que se impõe cada vez mais, induzindo mesmo autores marxistas à reincidência no erro de Ricardo. Assim, por exemplo, se no passado o próprio ouro circulava na esfera internacional como dinheiro mundial, atualmente suas funções de circulação são desempenhadas por dinheiro de crédito e, além disto, expresso em um padrão monetário nacional, o dólar. Este nem é dinheiro, pois é dinheiro de crédito, nem é dinheiro mundial, pois é um padrão monetário nacional, mas funciona como meio de pagamento e de reserva internacional. Assim, se o observador se limita às aparências e mistura diferentes níveis de abstração, como Ricardo, a teoria do dinheiro-mercadoria parece obsoleta. Marx, procedendo mais criteriosamente, elaborou em primeiro lugar as teorias do dinheiro e do dinheiro de crédito, que se situam em níveis de abstração superiores, embora diferenciados, e constituem a base conceitual adequada da análise dos fenômenos monetários em geral, aplicando-se como tais à esfera internacional, concebida apenas como um nível mais concreto da esfera geral da circulação. A objeção de autores marxistas à teoria do dinheiro-mercadoria incorre na distorção metodológica criticada por Marx, pois abandona a distinção entre níveis de abstração e toma a aparência - o fato de que o dinheiro (=ouro) já não circula na esfera internacional - pela essência.

O exposto explica por que Marx distingue a circulação simples e a capitalista como duas configurações da circulação. A primeira caracteriza-se pelo domínio da relação-valor, ou seja, do dinheiro. Na segunda, a relação-capital agrega-se à relação-valor e o meio circulante compõe-se, crescentemente, do dinheiro de crédito ao invés do dinheiro. Estas duas situações são denominadas, por Marx, respectivamente, com as expressões 'sistema monetário' e 'sistema de crédito'. No sistema monetário, que resulta do desenvolvimento das funções do dinheiro, é o próprio dinheiro (=ouro) que circula diretamente, apenas complementado por signos de valor e por títulos comerciais como meio de circulação<sup>12</sup>. Como primeiro passo da análise do capitalismo, a análise isolada da circulação permite focalizar o desenvolvimento do dinheiro como expressão da pura relação de compra/venda, independentemente da natureza dos produtores. Com o surgimento da relação-capital, o sistema monetário converte-se em sistema de crédito, com base na generalização e predomínio da função de

<sup>12</sup> Marx não define formalmente o sistema monetário, mas o seu sentido aparece em numerosas referências. As mais expressivas encontram-se em Marx (1974, p. 240; 1976, p. 78, 184-7).

meio de pagamento do dinheiro, a partir da qual se desenvolvem o crédito monetário e o sistema bancário, que evolui até sua integração pela constituição de um banco central. Sobre esta base constitui-se uma hierarquia, em pirâmide, de títulos de crédito funcionando como meios de circulação e de pagamento, que formam a base do dinheiro de crédito.

Como a mesma evolução ocorre na esfera internacional da circulação, segue-se que esta, sob a hipótese da circulação simples, constituiria o 'sistema monetário internacional', e sob circulação capitalista o 'sistema de crédito internacional'. Sendo assim, o primeiro passo na análise das características da circulação monetária internacional é partir do pressuposto da circulação simples a fim de determinar as especificidades que o caráter internacional imprime à simples circulação das mercadorias e do dinheiro, para somente depois introduzir o capital.

#### 4 Aspectos históricos da análise da interação monetária nacional/internacional

Na exposição de Marx aparecem dois movimentos em sentidos aparentemente contrários, no processo de constituição do dinheiro nas esferas nacional e internacional da circulação. O primeiro movimento é de fora para dentro, isto é, Marx sustenta que a circulação das mercadorias e o dinheiro surgem historicamente não no interior das comunidades primitivas - portanto não na esfera interna das economias - mas nos pontos de contato entre comunidades diferentes (Marx, 1980b, p. 26, 210; DKIII, p. 299). Como o dinheiro é transferido entre esferas de circulação submetidas a diferentes regras (codificadas em leis ou baseadas apenas no costume), ele não pode derivar o seu valor da convenção - como no caso dos signos de valor, por exemplo - pois as convenções e leis são válidas apenas nas esferas nacionais, mas deve ser um objeto dotado de valor intrínseco, isto é, uma mercadoria, cujo valor decorre do trabalho que custa a sua produção. Por conseguinte, na circulação internacional o dinheiro só pode desempenhar as suas funções na forma direta de mercadoria, sem marcas de nacionalidade. Todavia, no desenvolvimento posterior da circulação interna o dinheiro, constituído nas relações com o exterior, é reduzido a moeda ou mero meio de circulação<sup>13</sup>, através da sua sujeição a normas

<sup>13</sup>Na teoria de Marx, a moeda é um conceito que designa o instrumento de circulação, independentemente do material de que é feito. Por ser mero intermediário da troca de mercadorias - não se destinando, portanto, ao entesouramento -, ele não necessita ser constituído pelo material do próprio dinheiro, podendo ser feito com materiais menos dispendiosos - os signos de valor - mas representando o dinheiro.

legais específicas de cada país, que definem a unidade de referência para a medida dos preços - o padrão de preços ou padrão monetário<sup>14</sup> - e determinam os materiais que podem ser utilizados como substitutos do dinheiro na função específica de meio de circulação, os signos de valor. Portanto, as esferas nacionais não criam o dinheiro, mas apropriam-se dele, vestem-no com as marcas nacionais e o condicionam ao seu aparato legal. Assim, neste primeiro movimento, o padrão monetário aparece como uma particularização nacional do dinheiro mundial.

O segundo movimento, característico do capitalismo moderno, dá-se no sentido contrário, das esferas nacionais para a internacional<sup>15</sup>. É que, com o desenvolvimento interno da riqueza desenvolvem-se as funções de entesouramento, ou armazenamento da riqueza na forma geral do valor, e de meio de pagamento. Para isto, a moeda deve reconverter-se em dinheiro, ou seja, este despe o 'uniforme nacional' com que foi vestido ao ser convertido em moeda e reassume a forma explícita de mercadoria do dinheiro, que é o ouro<sup>16</sup>, e nesta forma rompe novamente as fronteiras nacionais e se constitui em dinheiro mundial<sup>17</sup>. Isto é, o dinheiro, após ter se introvertido e desenvolvido nas esferas nacionais como moeda, retorna à forma original de dinheiro (=ouro) para ingressar na esfera internacional. Marx é explícito na listagem das formas puramente convencionais - derivadas do dinheiro com base nas leis locais -, próprias das esferas nacionais: "padrão de preços, moeda, moeda divisionária e signo de valor", formas das quais o dinheiro "despe-se" ao ingressar na esfera internacional. Este segundo movimento articula-se, na exposição de Marx, ao desenvolvimento histórico do mercado mundial na transição entre o feudalismo e o capitalismo<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> O padrão monetário define-se como uma quantidade determinada do dinheiro (=ouro), fixada em lei.

<sup>15</sup> "No sistema internacional de trocas mais desenvolvido o ouro e a prata apresentam-se inteiramente na forma na qual já desempenharam um papel no comércio de troca primitivo" (Marx, 1980b, p. 26).

<sup>16</sup> "O ouro torna-se dinheiro em oposição a moeda, primeiro ao retirar-se da circulação como tesouro, em seguida ao ingressar nela como não-meio-de-circulação, e finalmente ao romper as barreiras da circulação interna, a fim de funcionar como equivalente geral no mundo das mercadorias. Assim ele torna-se *dinheiro mundial*" (Marx, 1974, p. 232).

<sup>17</sup> "Portanto, como dinheiro mundial o dinheiro recupera sua primeira forma original" (Ibidem, p. 233).

<sup>18</sup> Para Marx, o comércio de longa distância, o sistema colonial, o comércio de escravos, são elementos fundamentais do período da acumulação primitiva ou de constituição do capitalismo (OCI/2, p. 284-92).

Um longo e complexo período histórico interpõe-se entre os dois movimentos. O primeiro sugere uma explicação para a origem do dinheiro no desenvolvimento espontâneo das trocas, e que posteriormente evolui, em circunstâncias determinadas, nas esferas internas limitadas dos modos de produção anteriores ao capitalismo. Dada a característica mundial do capitalismo, com a sua expansão, desenvolve-se o dinheiro simultaneamente como dinheiro mundial<sup>19</sup> e como base dos padrões monetários nas esferas nacionais. Todavia, o desenvolvimento do capitalismo implica o desenvolvimento de elementos essenciais a uma expansão que ultrapasse as barreiras representadas por uma circulação puramente metálica, e estes elementos desenvolvem-se em ambas as esferas - nacional e internacional -, simultaneamente, e apoiando-se reciprocamente. O elemento essencial a este processo é o crédito comercial e seu produto imediato, a letra de câmbio como título comercial mais difundido, como se mostrará a seguir.

## 5 As funções do dinheiro na esfera internacional

Os conceitos desenvolvidos na análise abstrata da circulação das mercadorias e do dinheiro, já expostos, constituem um dos elementos da análise marxista da circulação internacional. O outro consiste nos efeitos derivados da intersecção nacional, que definem o maior grau de concretude que caracteriza o tema. Um destes efeitos, segundo Marx, é a alteração na hierarquia das funções do dinheiro e nas formas em que ele as realiza, em relação à circulação geral, sem que se altere a natureza destas funções e formas<sup>20</sup>.

A mais proeminente função do dinheiro é a de dinheiro mundial. Apesar de tratar especificamente desta função, Marx assinala que não se trata realmente de uma nova função<sup>21</sup>. Ao contrário, é na esfera internacional que o dinheiro em primeiro lugar aparece objetivamente como equivalente de valor de caráter *geral* e realiza as funções próprias

<sup>19</sup> Isto é, o ouro é gradualmente adotado como dinheiro por todos os países capitalistas significativos, que é o que caracteriza o chamado 'padrão ouro internacional'.

<sup>20</sup> "Attending the needs of trade and finance, all functions of money are performed in the international sphere by world money" (Saad-Filho, 1993, p. 80).

<sup>21</sup> "A determinação do dinheiro de servir como meio de troca e de pagamento *internacional*, não é na realidade uma nova determinação que se acrescenta à do dinheiro como tal, de ser equivalente geral - e por isto tanto tesouro como meio de pagamento. Na determinação do equivalente geral está contida a determinação de mercadoria geral, na qual precisamente o dinheiro primeiro se realiza como moeda mundial" (Marx, 1980b, p. 26).

as do dinheiro enquanto tal<sup>22</sup>. O que eleva o dinheiro à condição de dinheiro mundial é especificamente o fato de que, através da expansão do comércio mundial, as mercadorias desdobram o seu valor cada vez mais amplamente em toda a esfera mundial da circulação<sup>23</sup>. E o que expande o comércio ao âmbito mundial é a difusão da revolução industrial e seus efeitos, produzindo em massa e gerando o consumo de massa, uniformizando padrões de produção e consumo e, com isto, uniformizando também as expressões de valor e reduzindo-as, progressivamente, a uma forma única - o dinheiro (=ouro). De modo inverso, a conversão do ouro em dinheiro mundial parece converter a indústria e o comércio apenas em meios de captá-lo em todos os recantos do mercado mundial e, através disto, em fatores de aceleração da unificação do mercado mundial<sup>24</sup>.

Deste modo, a adoção do ouro pelos principais países, no último quarto do século 19, originando o chamado 'padrão-ouro internacional', não é um fenômeno estritamente monetário. É a expressão monetária da unificação da esfera mundial da circulação sob o impulso da expansão do capital industrial, que dissolve os particularismos regionais, da qual emerge o ouro como dinheiro mundial. Portanto, a sua explicação teórica situa-se fora do campo monetário, noção que corresponde à concepção do dinheiro, na teoria de Marx, como uma categoria em tudo derivada e dependente da produção e da circulação das mercadorias, e especificamente do capital, quando este está constituído. A eliminação da prata da condição de dinheiro de uma parte da economia mundial foi o último episódio da constituição do dinheiro mundial. Como já mencionado, na medida em que tanto o ouro quanto a prata constituíam equivalentes de valor, cada um adotado por um grupo de países, não havia um equivalente geral, mas dois, nenhum deles sendo, portanto, realmente *geral*, e cada um operando em uma parte da esfera internacional de circulação. Na economia mundial havia, portanto, duas esferas de circulação que se interpenetravam.

<sup>22</sup> Para uma crítica à análise de Marx neste ponto, ver (Reuten and Williams, 1989, p. 198-201).

<sup>23</sup> "Porque as mercadorias, na circulação mundial, desdobram o seu próprio valor de troca universalmente, a figura delas, transformada em ouro e prata, aparece como dinheiro mundial" (Marx, 1974, p. 235). Note-se que Marx, coerente com o seu método geral, situa na esfera da produção e circulação das mercadorias a origem dos fenômenos monetários. Assim, é o desenvolvimento da produção para o mercado mundial que eleva o dinheiro a dinheiro mundial e não o inverso.

<sup>24</sup> "Enquanto, portanto, as nações de possuidores de mercadorias convertem o ouro no dinheiro adequado, através da sua indústria multifacetada e do seu comércio generalizado, a indústria e o comércio lhes aparecem apenas como meios de extrair dinheiro, na forma de ouro e prata, do mercado mundial" (Marx, 1974, p. 235).



Mas Marx também observou que, em uma esfera nacional, só podia haver um equivalente<sup>25</sup>. Disto deduz-se que o estabelecimento de vínculos econômicos cada vez mais estreitos entre os países conduziria, necessariamente, à constituição de um único equivalente de valor, isto é, de um equivalente efetivamente *geral*, fenômeno que se realizou sob o chamado 'padrão-ouro internacional' (Germer, 1999).

A segunda função a considerar é a de meio de circulação, na qual o dinheiro medeia os ciclos M-D-M na circulação geral das mercadorias. Na esfera internacional, porém, o dinheiro (=ouro) não realiza esta função<sup>26</sup>, uma vez que uma venda M-D, a um comprador de outro país, não obriga o vendedor a realizar uma compra equivalente D-M no mesmo país<sup>27</sup>. Ao contrário, cada transação entre países, pela sua natureza, esgota-se nela mesma e D transfere-se definitivamente à esfera do exportador<sup>28</sup> não podendo, portanto, ser mero signo de valor, mas devendo possuir valor real, isto é, ser mercadoria. A moeda e o signo de valor constituem características específicas das esferas nacionais de circulação. É por esta razão que, como dinheiro mundial, o ouro perde as características do padrão monetário e os símbolos e convenções a ele vinculados, e reduz-se à sua forma original de mercadoria: o que vale é o seu quilate e peso<sup>29</sup>. O dinheiro mundial possui validade em todas as esferas nacionais, ao passo que o meio de circulação só vale no interior de cada esfera nacional. Correspondentemente,

<sup>25</sup> "Já vimos que na circulação interna de um país só uma mercadoria serve como medida dos valores" (Marx, 1974, p. 233). Kindleberger, referindo-se ao bimetalismo, afirma no mesmo sentido: "The medium-of-exchange function can tolerate more than one money without too much trouble; the unit-of-account function cannot. [...] when there are two monies and their relation, one to the other, changes from day to day, a problem arises" (Kindleberger, 1984, p. 55).

<sup>26</sup> "Na circulação internacional de mercadorias o ouro e a prata não aparecem como meio de circulação [...]" (Marx, 1974, p. 233).

<sup>27</sup> "Que o ouro e a prata, nesta determinação de *moeda mundial*, de modo algum executam, necessariamente, o movimento circular que é típico deles como moeda propriamente dita, mas que podem representar unilateralmente um lado como comprador, o outro como vendedor, é igualmente uma das observações que se impuseram nos anos da infância da sociedade burguesa" (Marx, 1980b, p. 24).

<sup>28</sup> "Enquanto tal *mercadoria universal*, enquanto moeda mundial, não é necessário o retorno do ouro e da prata ao ponto de partida, ou em geral o movimento da circulação enquanto tal" (Marx, 1976, p. 121).

<sup>29</sup> "Em cada país a moeda nacional é cotada pelo seu valor nominal ou legal [refere-se ao peso metálico legal do padrão monetário – CMG], mas a cotação legal não a acompanha nos países estrangeiros. Nas trocas internacionais, com efeito, a moeda não é contada: ela é pesada, e do peso total e do quilate deduz-se a correspondência existente entre a moeda de um país e a de outro país" (Herbelot et François, p. 95).

no comércio internacional os preços-padrão das mercadorias são convertidos em preços-dinheiro<sup>30</sup>.

O isolamento analítico da fase D-M da circulação das mercadorias dá destaque à função de meio de compra do dinheiro, que, no entanto, não é catalogada por Marx entre as suas funções propriamente ditas, aparentemente porque se apresenta apenas como um dos momentos destas funções. O conceito é utilizado por Marx em três circunstâncias. A primeira é na exposição da função de meio de circulação, quando o produtor compra mercadorias após ter vendido a sua. A segunda é na função de meio de pagamento, quando compra com pagamento diferido, funcionando o dinheiro neste caso como 'meio ideal de compra' (OCI, p. 115). Nos dois casos, a compra designa apenas o momento da aquisição da mercadoria no seu processo de circulação. A terceira circunstância em que o conceito aparece é na análise do comércio internacional:

Na esfera da circulação interna o dinheiro, na medida em que era moeda, representando o mediador da unidade em processo M-D-M ou a forma apenas fugidia do valor de troca na interminável mudança de lugar das mercadorias, atuava exclusivamente como meio de compra. No mercado mundial ocorre o inverso, o ouro e a prata [só] aparecem [...] como meio de compra, quando o metabolismo é apenas unilateral e conseqüentemente a compra e a venda se separam (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 233).

Esta citação explicita completamente o conceito. Deve-se, porém, esclarecer, para evitar dúvidas, que a afirmação de que na circulação interna o dinheiro, *como moeda*, funciona 'exclusivamente como meio de compra', significa que ele não funciona como meio de entesouramento, mas apenas como meio de circulação, do qual a função de meio de compra é um momento e a moeda uma forma específica. No mercado mundial, o dinheiro só aparece como meio de compra quando se paga diretamente em espécie (=ouro), o que, no entanto, é excepcional, como se esclarece a seguir.

Na esfera internacional o dinheiro "... funciona apenas nas duas formas desenvolvidas de *meio de compra* e de *meio de pagamento* ...", mas com o predomínio da segunda. A função de meio de compra só se apresenta em duas situações, quando "o metabolismo é apenas unila-

<sup>30</sup> O preço-dinheiro é a expressão do valor de uma mercadoria no material monetário, isto é, em ouro, para distingui-lo do preço-padrão, que é o valor expresso no padrão monetário de cada país (Germer, 2001, p. 215-6).

teral e a compra e a venda, conseqüentemente, se separam". A primeira ocorre como exceção, quando "o equilíbrio habitual do metabolismo entre duas nações se interrompe subitamente" e uma é forçada a comprar da outra sem ter vendido ou vir a vender, e deve, portanto, pagar em dinheiro (=ouro), por exemplo, na aquisição de alimentos no exterior sem contrapartida, devido a uma quebra da safra nacional, ou de armas e suprimentos especiais, em caso de guerra. A segunda caracteriza os países produtores de ouro, que o distribuem ao resto do mundo através da compra de mercadorias comuns (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 233-4).

## 6 A função de meio de pagamento para a liquidação dos saldos comerciais

À medida que o comércio internacional se desenvolve, expande-se a função de meio de pagamento do dinheiro, de modo que, como na esfera nacional, é o crédito comercial que funciona como meio de promover a mudança de mãos das mercadorias. O dinheiro só ingressa na circulação no vencimento. Logo que o comércio internacional adquire regularidade, o dinheiro passa a funcionar principalmente como meio de pagamento para a liquidação dos saldos da compensação de dívidas recíprocas<sup>31</sup>, que é, de fato, o método dominante de pagamentos internacionais.

A função de meio de pagamento desempenha um papel fundamental na edificação do sistema monetário do capitalismo. Segundo a teoria de Marx, o crédito comercial - o diferimento do pagamento - constitui a base espontânea da função de meio de pagamento do dinheiro, é esta a base de todo o sistema de crédito e especificamente do sistema bancário e do dinheiro de crédito. Esta interpretação baseia-se na análise concreta da esfera nacional da circulação e na teoria geral da circulação. Como esta se aplica, igualmente, à esfera internacional, é legítimo pressupor que os desdobramentos, nesta esfera, sigam os mesmos lineamentos gerais dos verificados nas esferas nacionais. A hipótese básica subjacente a este artigo, com efeito, é que na esfera inter-

<sup>31</sup> "Quanto mais se desenvolve a troca de mercadorias entre as diferentes esferas nacionais de circulação, mais se desenvolve a função do dinheiro mundial como *meio de pagamento* para a compensação dos saldos internacionais" (Marx, 1974, p. 234). "A função de meio de pagamento, para a compensação dos saldos internacionais, predomina" (OCI/1, p. 119).

nacional a expansão da circulação de mercadorias dê origem, também, à expansão do crédito comercial e da função de meio de pagamento do dinheiro e, conseqüentemente, crie as bases para o desenvolvimento de formas progressivas de dinheiro de crédito, o que pressupõe, por seu turno, o desenvolvimento de um sistema bancário internacional. O passo imediato consiste, portanto, em investigar o desenvolvimento da função de meio de pagamento na esfera internacional e suas implicações.

No desenvolvimento da função de meio de pagamento internacional, teve papel fundamental a letra de câmbio, que é um título de crédito<sup>32</sup> que circula até o vencimento, desempenhando funções do dinheiro<sup>33</sup>. A utilização das letras de câmbio, entre outras vantagens, evitava o transporte do próprio dinheiro (=ouro), que era incômodo devido ao peso e ao risco de perda por acidentes ou assaltos. As letras de câmbio desempenharam funções monetárias durante vários séculos antes que se vinculassem ao crédito monetário por intermédio do desconto. O comércio de letras de câmbio teve como base o desenvolvimento do que Marx denominou *capital de comércio de dinheiro*, responsável, em nome de comerciantes e outros capitalistas, por operações monetárias de caráter meramente técnico, como pagamentos, recebimentos, compensação de créditos recíprocos, guarda de saldos em dinheiro, etc. Marx ressalta que o comércio de dinheiro inicia-se como negócio de conversão ou câmbio de diferentes moedas nacionais (que são diferentes expressões do dinheiro mundial – ouro ou prata) umas nas outras, com base nos seus conteúdos metálicos. Justifica-se a longa citação de Marx, a seguir:

O comércio de dinheiro, o comércio com a mercadoria-dinheiro desenvolve-se, portanto, primeiro a partir do comércio internacional. Assim

<sup>32</sup> Para Marx, a letra de câmbio representa não um crédito em dinheiro, mas em mercadoria, pois o vendedor adianta a mercadoria ao comprador, recebendo o pagamento em data posterior. A letra de câmbio não implica o crédito monetário, nem teórica nem historicamente. Mesmo quando emitida contra o comprador, para pagamento à vista, no recebimento da letra, havia crédito em espécie, pois o trânsito da letra até o destino era demorado, devido à lentidão dos meios de comunicação. Entre cidades próximas a demora era de vários dias, indo a várias semanas ou meses entre cidades distantes (Kindleberger, 1984, p. 39)

<sup>33</sup> A importância da letra de câmbio como alavanca da circulação é destacada por todos os estudiosos significativos do tema, pelo menos desde Adam Smith (Smith, 1952, p. 133-37). Thornton, cujo livro clássico analisa pela primeira vez, extensamente, as funções do dinheiro de crédito, dedicou às letras de câmbio os dois primeiros capítulos da sua obra (Thornton, 1962, p. 75-89). Mill examina a letra de câmbio como uma das formas do 'crédito substituindo o dinheiro' (Mill, 1983, p. 69-77).

que passam a existir diferentes moedas nacionais, os comerciantes que compram em países estrangeiros precisam converter sua moeda nacional em moeda local, e vice-versa, ou então [converter – CMG] diferentes moedas em prata ou ouro puros, não cunhados, como dinheiro mundial. Daí o negócio do câmbio, que deve ser considerado como um dos fundamentos naturalmente desenvolvidos do moderno comércio de dinheiro. Dele desenvolveram-se bancos de câmbio, nos quais prata (ou ouro) funciona como dinheiro mundial [...], em contraste com a moeda corrente. [...] O comércio com ouro e prata enquanto mercadorias (matérias-primas para a confecção de artigos de luxo) constitui a base naturalmente desenvolvida do comércio de barras (*bullion trade*) ou do comércio que medeia as funções do dinheiro como dinheiro mundial. Essas funções [...] são duplas: correr de lá para cá entre as diferentes esferas nacionais da circulação para a compensação dos pagamentos internacionais e nos casos das migrações do capital colocado a juros; ao lado disso movimentação, a partir das fontes de produção dos metais nobres, pelo mercado mundial e distribuição da oferta entre as diversas esferas nacionais da circulação (OCIII, p. 238-9; DKIII, p. 300).

As letras de câmbio não eram descontadas, mas compradas e vendidas, portanto não havia vínculo com o crédito monetário, como já mencionado (Kindleberger, p. 39). Mesmo assim, a sua utilização nas transações internacionais teve importantes efeitos monetários decorrentes da sua compensação. Em cada país, as letras eram transacionadas entre exportadores e importadores, compensando-se e reduzindo a um mínimo a necessidade de pagamentos internacionais em dinheiro (=ouro). O dinheiro funcionava, portanto, como meio de pagamento internacional. Estabelecia-se em cada praça um mercado de letras de câmbio, no qual a relação entre a oferta e a demanda determinava oscilações nas taxas de câmbio das diversas moedas, limitadas pelos chamados 'pontos de ouro'. Em momentos de escassez de letras para a cobertura de saldos devidos ao exterior, a liquidação tinha que ser feita em espécie, isto é, com dinheiro (=ouro). Em uma base anual, a ocorrência de superávit ou déficit comercial entre dois países refletia-se em transferência física de ouro para o país superavitário, sem interferência de autoridade monetária ou previsão de reserva de ouro. A centralização e o controle da reserva nacional são fenômenos que emergem com o sistema bancário desenvolvido.

Os bancos privados surgem na Europa inicialmente apenas como forma mais pura do comércio de dinheiro, realizando principalmente operações de câmbio, depósito e remessas para o exterior, e esporadi-

camente crédito monetário, mesmo assim apenas localmente<sup>34</sup>. Na teoria de Marx, a periodização da evolução das relações de crédito deve ser referida aos períodos significativos que marcam o desenvolvimento do capitalismo. Sendo este caracterizado, especificamente, pelo domínio do capital sobre a esfera produtiva, Marx caracteriza a revolução industrial como a condição da efetivação final deste domínio. Considerando que a plena constituição do capital industrial é também uma condição para a subordinação plena dos capitais comercial e bancário à sua lógica, é necessário estabelecer explicitamente uma relação entre o desenvolvimento do capital industrial e do sistema bancário<sup>35</sup>. Deve-se admitir, nesta linha, que o sistema bancário na sua feição moderna só começa a desenvolver-se após a revolução industrial. À medida que esta se difunde, os bancos são gradualmente subjugados pela estrutura da rotação dos capitais em conjunto, que determina a oferta e demanda do capital de empréstimo, matéria-prima com a qual os bancos operam, fornecida pelos capitais industrial e comercial, este reduzido a um apêndice do primeiro. Há outros fatores de caráter precursor, que devem ser levados em consideração, vinculados ao desenvolvimento dos estados nacionais e dos capitais comercial e usuário antigos, e que não se situam na esfera da produção. Dois dos mais importantes entre estes são o financiamento da dívida pública e a gestão das transações financeiras do Vaticano<sup>36</sup>.

Verifica-se, portanto, que, de modo idêntico ao que ocorre nas esferas nacionais de circulação, a difusão do crédito comercial e da função de meio de pagamento do dinheiro constituem, também na esfera internacional, o fundamento para o surgimento e a expansão, no capitalismo, das bases do dinheiro de crédito e do sistema bancário que constitui o seu fundamento mais imediato. Sendo assim, a linha de

<sup>34</sup> Referindo-se aos primeiros bancos, Kindleberger afirma que ".... they conducted business largely in exchange of currencies, with no element of credit. Over time, money-changers evolved into exchange bankers who remitted funds, or deposit bankers who transferred them locally and sometimes made loans ...." (Kindleberger, 1984, p. 42).

<sup>35</sup> Já havia bancos nos primórdios da transição para o capitalismo, mas a difusão do sistema bancário, na sua feição moderna, corresponde às fases mais desenvolvidas do capitalismo, a partir de cerca de meados do século 19, mas constituindo um fenômeno generalizado apenas do século 20.

<sup>36</sup> "O fato de os papas terem imposto o pagamento de contribuições eclesiais a quase todos os países cristãos católicos contribuiu não pouco, inicialmente, para o desenvolvimento do sistema monetário como um todo na Europa economicamente ativa" (Hüllmann, citado por Marx, 1977b, p. 404). Kindleberger confirma que "quickly, Italians became skilled in transferring monies in international trade, and handling the substantial payments received and dispensed by the Church in Rome" (Kindleberger, 1984, p. 43).

abordagem indicada, com base na teoria de Marx, para a análise do desenvolvimento das formas concretas do sistema monetário internacional, é investigar o desenvolvimento das relações de crédito - e especificamente bancárias - na esfera internacional.

As demais funções e fenômenos monetários realizam-se, na esfera internacional, de modo idêntico às esferas nacionais, com especificidades que não afetam a sua natureza comum. Assim, a quantidade de dinheiro presente na circulação internacional é determinada de modo idêntico à esfera nacional, em função da soma de valores de mercadorias a circular e do valor do dinheiro, dada a velocidade deste. Sendo esta soma uma grandeza continuamente variável, segue-se que a quantidade de dinheiro na circulação internacional deve flutuar correspondentemente, o que implica a função de meio de entesouramento como mecanismo de ajuste da quantidade de dinheiro em circulação à demanda da circulação em cada momento<sup>37</sup>. Antes da constituição do sistema bancário e de um banco de reserva - o banco central -, os tesouros encontram-se dispersos em toda a economia, nas mãos dos produtores individuais. Tais tesouros devem a sua existência, no nível individual, tanto à ânsia da pura acumulação de riqueza quanto à necessidade de reservas para os vencimentos correspondentes ao desempenho da função de meio de pagamento. A consideração da esfera internacional revela que, ao lado da reserva condicionada pela circulação interna, se deve formar uma reserva de meios de pagamento internacionais, necessários para a liquidação dos saldos internacionais, como já exposto.

## 7 Conclusões

A investigação exposta neste artigo permitiu, em primeiro lugar, deixar claro que a teoria do dinheiro de Marx apóia-se em uma estrutura conceitual geral, que se aplica tanto às esferas nacionais da circulação quanto à internacional. Com base nela, Marx lançou os fundamentos teóricos que permitem a análise consistente da esfera internacional. No presente artigo, porém, focalizou-se principalmente a teoria geral da circulação e as correspondentes funções do dinheiro como mero

<sup>37</sup> "Da mesma forma que a circulação interna, a circulação internacional exige uma quantidade sempre variável de ouro e prata. Uma parte dos tesouros acumulados serve, pois, para cada povo, de fundo de reserva de dinheiro mundial, que ora se esvazia, ora se enche novamente, acompanhando as oscilações da troca de mercadorias" (Marx, 1974, p. 234).



instrumento da circulação internacional. Ficaram excluídas e remetidas à extensão posterior do trabalho, os textos em que Marx focaliza especificamente os fenômenos internacionais sob o capitalismo desenvolvido, que incluem as funções do dinheiro como capital de empréstimo, constituindo o sistema de crédito internacional, que se concentram especialmente no livro III de *O Capital*.

Por outro lado, considerando a dependência existente, na teoria de Marx, entre os fenômenos monetários e o processo material de produção e circulação de mercadorias, constatou-se que esta relação de dependência permite estabelecer um vínculo específico entre a periodização da evolução do sistema monetário internacional e do capital industrial em termos globais. Assim, o sistema bancário, na sua feição moderna, só pode começar a emergir a partir da consolidação e difusão da revolução industrial. Esta constatação sugere que o vínculo industrial/bancário deve ser considerado sistematicamente a fim de se estabelecer as bases precisas da periodização da evolução do sistema monetário internacional.

## Referências Bibliográficas

- GERMER, C.M. (1999). Elementos para uma crítica marxista do conceito de padrão-ouro. *Estudos Econômicos*, v. 29, n. 4, p. 575-600.
- GERMER, C.M. (2001). Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado. *Ensaio FEE*, 22(1):205-228.
- HERBELOT, L. et FRANÇOIS, G. (1921). Les monnaies, les changes et les arbitrages. Paris : Gauthier-Villars.
- HÜLMANN (1826/29). *Städtewesen des Mittelalters*. 2 v. Bonn : s/e. (Citado por Marx).
- ITOH, M. & LAPAVITSAS, C. (1999). *Political economy of money and finance*. London : Macmillan.
- KINDLEBERGER, C.K. (1984). *A financial history of Western Europe*. London : George Allen & Unwin.
- LAPAVITSAS, C. (1994). The banking school and the monetary thought of Karl Marx. *Cambridge Journal of Economics*, v. 18, n. 5, p. 447-61.
- LAPAVITSAS, C. (1996). The classical adjustment mechanism of international balances: Marx's critique. *Contributions to Political Economy*, 15, 63-79.
- MARX, K. (1974). Para a crítica da economia política. In: MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção J.A. Giannotti. São Paulo : Abril Cultural. P. 107-263.

- MARX, K. (1976). Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 3. 3a. ed. México : Siglo xxi Argentina Editores.
- MARX, K. (1977a). Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 1, 9a. ed. México : Siglo xxi Argentina Editores.
- MARX, K. (1977b). Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 2, 6a. ed. México, Siglo xxi Argentina Editores.
- MARX, K. (1980a). Zur Kritik der Politischen Ökonomie. Berlin : Dietz Verlag. MEGA, II/2.
- MARX, K. (1980b). Zur Kritik der Politischen Ökonomie : Urtext. [Contribuição, esboço original]. In: Zur Kritik der Politischen Ökonomie. Berlin : Dietz Verlag. MEGA, II/2.
- MARX, K. (1980c). Das Kapital; Kritik der politischen ökonomie, Band III. Frankfurt/M : Ullstein Materialien. [O *Capital*, v. III - DKIII].
- MARX, K. (1983-1985). O Capital; crítica da economia política. 3 v., 5 t. São Paulo : Abril Cultural.
- MILL, J.S. (1983). Princípios de Economia Política. v. 2. São Paulo : Abril Cultural.
- REUTEN, G. and WILLIAMS, M. (1989). Value form and the state : the tendencies of accumulation and the determination of economic policy in capitalist society. London/New York : Routledge.
- SAAD-Filho, A. (1993). Labor, money, and 'labour-money': a review os Marx's critique of John Gray's monetary analysis. *History of Policital Economy* 25(1):65-84.
- SMITH, A. (1952). An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations. Chicago : Encyclopaedia Britannica.
- THORNTON, H. (1962). An inquiry into the nature and effects of the paper credit of Great Britain (1802). Introduction by F.A. v. Hayek. London : Frank Cass.